

O PAPEL DA ESCOLA: POLÍTICA E RESISTÊNCIA

RIBEIRO, Luciane Oliveira ¹; **SPAREMBERGER**, Alfeu ²:

¹Mestranda do Curso de Literatura Comparada –Centro de Letras e Comunicação da UFPel. lucianeribeiroletras@gmail.com

²Doutor em Letras. Professor de Literatura do Centro de Letras e Comunicação, UFPel. alfeu.sparenberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esta comunicação analisa a presença da Escola como mecanismo de resistência política e cultural na escrita literária dos países africanos de língua portuguesa, nomeadamente na obra **A vida verdadeira de Domingos Xavier** (1962), do angolano Luandino Vieira. A Escola foi uma instituição de grande validade para o regime colonial português, pois nela “procurava-se dominar espiritualmente os colonizados pelo apagamento dos seus valores culturais e civilizacionais, pelo banimento da sua língua, pela niilificação da sua história” (TRIGO, sd, p. 148). Por meio da Escola, o colonizador impunha valores estranhos aos da África, inculcando a civilização e a cultura europeia. Mas esta instituição também era útil ao colonizado, pois permitia que ele desenvolvesse uma consciência política e podia lutar pelos seus direitos. “Paradoxalmente, o regime colonial português criava as armas da sua própria destruição” (Idem, p. 148). A “repressão mental e física” empreendida pela Escola transforma-se em fonte de “inspiração libertadora para os africanos colonizados”. Na obra de Luandino, os personagens que articulam a resistência ao colonizador estruturam dois caminhos para a formação das crianças: a presença delas na escola do colonizador, sabendo-se que esta criança já desenvolveu uma sagacidade política, e o outro caminho, o da Escola popular, que não funcionava num edifício, “símbolo da dominação europeia”. Esta segunda, pragmática em seus fundamentos, pois ensinava a ler, a escrever e a contar, funcionava ao ar livre ou então estava associada aos clubes de futebol, como ocorre no texto de Luandino. Esta Escola era desautorizada pelo colonizador, pois a aprendizagem do colonizado não era vigiada e ideologicamente controlada. Nela, desenvolvia-se, de todos os modos, a resistência ao colonizador, e a literatura de resistência fora um instrumento para tal ação, pois a “literatura de resistência chama a atenção sobre si mesma, e sobre a literatura em xeral, como unha actividade política e politizada. A literatura de resistência vese ademais envolta nunha loita contra as formas dominantes de produção cultural e ideológica” (HARLOW, 1993, p. 320).

2. METODOLOGIA

O procedimento metodológico nuclear é de natureza bibliográfica, no cruzamento entre Literatura e Sociedade, e de cunho qualitativo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O texto de Luandino Vieira configura um projeto de afirmação da cultura do colonizado. É nítido o “empenhamento da denúncia declarada da opressão colonialista” (LARANJEIRA, 1979, p. 86). Escritor influente, pioneiro em textos de ruptura, escreveu sua própria história e a de seus irmãos angolanos configurando uma produção indelével para a construção e afirmação histórica e social de sua nação (como construto da angolanidade). **A vida verdadeira de Domingos Xavier** é uma obra que narra a vida do tratorista Domingos Xavier, que fora preso e torturado até a morte por não delatar seus amigos de resistência a colonização. Esta pesquisa tem o objetivo de analisar um projeto de afirmação da cultura do colonizado, nos diversos espaços deste povo, nos musseques, no rio Kuanza, rio que não possui somente caráter de cor local na narrativa, mas é um marcador de percurso dos personagens, e ainda a narrativa explicita um outro espaço de igual valor e quiçá determinante para concretizar o objetivo do projeto e inflamar o chamamento do texto de Luandino: a Escola. O ensino, porém, nos moldes pedagógicos dos irmãos angolanos, tem como base primordial o engajamento à resistência. Para os irmãos angolanos a função política e ideológica da Escola é a de não reproduzir os conceitos opressores do colonizador, ao contrário, visa minar as estruturas capitalistas. A Escola, para a militância, é outro local de reafirmar sua cultura e, por conseguinte, um local de transformação social, pois “A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis” (GRAMSCI, 1989, p.09). Trata-se, pois, de um instrumento de transformação, na medida em que converte os moldes opressores impostos à sociedade colonizada, contribuindo sobremaneira para a elevação cultural e, ainda, dá voz ativa às massas, servindo também para:

Abrir a cabeça de nossa gente, em relação á Literatura, à ciência, etc. Porque nós sabemos que não são os analfabetos que podem fazer uma terra boa. É preciso gente que lê e escreve. Toda gente que sabe ler e escrever deve ensinar aqueles que não sabem (CABRAL, 1975, p. 84).

Vislumbrando esses fatos, a personagem Xico Kafundanga insiste constantemente para que o menino Zito, neto de seu padrinho Petelo, estude em uma escola. Ele enfatiza que o menino é muito esperto e que precisa estudar. Neste sentido, “Encara-se a escolarização dos mais aptos como primeiro passo no desenvolvimento das elites pontas-de-lança da comunidade” (LARANJEIRA, 1979, p.93), visto que o menino Zito é uma criança apta, articulada e perspicaz, detentora do conhecimento das ocorrências da vida, do cotidiano de violência que seus irmãos negros sofrem nos musseques, devido a luta contra o colonizador. “Às crianças devemos dar o melhor que temos. Devemos educá-las para se levantarem com o espírito aberto, para entenderem as coisas, para serem boas, para evitarem toda a espécie de maldades” (CABRAL, 1975, p.73).

O menino Zito, por isso, sempre atento, mas sem abandonar sua infância, sabe quando alguém é preso por motivos políticos, e foi numa destas ocasiões que ele testemunha que Domingos fora trazido à sua vila, preso pela carrinha azul, e corre para avisar seu avô que, por sua vez, empenha-se imediatamente em avisar seu afilhado Xico Kafundanga sobre o preso. “Sim Senhor, Zito! Menino esperto, você precisa ir à escola. Não esquece: se sabe mais coisas desse irmão preso, avisa.” (p.18), [...]Xico lhe acariciava a cabeça, sempre a repetir baixinho, para si mesmo:- Menino esperto, menino esperto...” (p.18).

Então, se o menino está encaminhado nas complexidades do viver em uma situação de colonização, é importante essa complementação, ou melhor, a especialização do restante do saber. Terá, assim, armas, instrumentos suficientes para enfrentar a opressão e rumar à liberdade dos seus, inscrevendo-se na história como sujeito e não assujeitado à cultura imposta do branco.

Visando esclarecer o objetivo desta pesquisa, para além do enfoque abordado acima, é importante entender que o estudo de obras literárias de autores africanos de Língua Portuguesa é um campo que vem sendo estudado há algum tempo, e, nesse quadro, é importante frisar que a literatura angolana está sendo estudada largamente. Portanto, é fato a relevância dessa pesquisa afim de que os estudos continuem avançando, por isso é pertinente a observação e a ampliação dos fatos e dos resultados levantados acerca desses eventos.

Importante ressaltar, ainda, que como toda ação violenta, a colonização em África se deu com o excessivo abuso que iam dos confiscos de terra a implantação do racismo e até mesmo o sufocamento cultural do povo africano. Em contrapartida emergiram, então, as ações de resistência por parte do povo, que articulavam processos político-revolucionários contra o colonizador: “Organizam-se movimentos culturais que, ao expressarem muito da indignação

tem, sobretudo o mérito de mobilização de pessoas vivamente interessadas na transformação” (CHAVES,1999, p.34).

E, para tanto, um dos aparelhos usados pelos resistentes para efetivar a revolução foi a literatura, arma usada com o objetivo bem marcado de construir uma articulação com a finalidade de conseguir a queda da colonização do povo africano.

4. CONCLUSÕES

Finalizando este texto, é importante considerar que a fortuna crítica sobre o referido autor é imensa, visto que ele é considerado um importante pensador em Angola, em África, na Ásia etc. e também foi um revolucionário de extrema importância no processo de independência de Angola. E a Escola sempre foi em sua obra um “lugar privilegiado de enunciação”. Cabe lembrar, ainda, que a quase totalidade da produção de Luandino foi construída no cárcere, no Tarrafal, em Cabo Verde. A recepção de sua obra é sempre bem acolhida e problematizada ao máximo por teóricos e estudantes de Literatura Africana e outros segmentos que o encaram como peça importante para pensar os problemas de África e de povos em processo de movimentação resistente contra governos opressivos e insolventes.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- CHAVES, Rita. **A Formação do Romance Angolano**. São Paulo: Fb1p,1999.
- _____. **Angola e Moçambique. Experiência colonial e territórios literários**. Cotia,SP:Ateliê Editorial,2005.
- CABRAL,Amílcar. Nacionalismo e Cultura. Ed. Xosé Lois Garcia. Santiago de Compostela: Edicions Laiovento,1975.
- GRAMISCI, Antônio. Os intelectuais e a organização da cultura. 8ºed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- MACÊDO, Tânia, CHAVES, Rita. **Marcas da diferença – as literaturas africanas de língua portuguesa**. SP: Alameda, 2006.
- LARANJEIRA, Pires. Luandino Vieira: Apresentação da Vida Verdadeira. Revista de Cultura Vozes, ano 73. Vol.LXXIII, 1979. pp.5-16.
- LUANDINI, Vieira. A vida Verdadeira de Domingos Xavier. São Paulo: Editora Ática,1975.
- TRIGO , Salvato. **Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira**. Lisboa: Vega, sd.]